

# Credores endurecem com os bancos daqui

11 MAI 1985

Dívida ext.

O ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, revelou a alguns parlamentares mais informados em assuntos econômicos, que tem informações de que os banqueiros internacionais, suspeitando de que o governo brasileiro prepara-se para endurecer na mesa de negociações com seus credores, "estão puxando o tape-te" dos bancos comerciais brasileiros com agências em Nova Iorque e em outras praças estrangeiras.

Ao mesmo tempo, o senador Severo Gomes (PMDB-SP), um dos grandes críticos da postura brasileira em relação à dívida externa, estranha que o governo brasileiro cometa a ingenuidade de fazer com que permaneçam em poder dos três maiores bancos credores do País suas reservas estimadas em sete bilhões e 500 milhões de dólares. Severo acha que essas reservas deviam ser rateadas entre pequenos bancos para evitar que os grandes adotem represálias caso o País endureça o jogo.

## PREOCUPAÇÃO

O deputado Oswaldo Lima Filho (PMDB-PE), que perdeu por poucos votos a liderança da Bancada para Pimenta da Veiga, está preocupado com a decisão das autoridades brasileiras de manter as negociações com a banca internacional em nível eminentemente técnico e não político, como a maioria da Nação deseja e o bom senso indica..

Em todas as conversações que manteve com o ministro da Fazenda, Lima Filho ouviu peremptórias afirmações de que o Brasil não deve endurecer o seu jogo, mas negociar com os credores as melhores condições possíveis para o pagamento do débito. O de-

putado pernambucano afirma que qualquer pessoa sensata sabe que a dívida externa é impagável e deplora que o País não endureça sua posição.

Em todos os contatos que teve com o falecido presidente Tancredo Neves, Oswaldo Lima Filho ficou convencido de que ele se preparava para adotar uma posição mais rígida em relação aos nossos credores, convencido de que a submissão a exigências exageradas dos banqueiros levaria o País a uma convulsão social.

O senador Severo Gomes descobriu que o Brasil depositou suas reservas, estimadas em sete e meio bilhões de dólares, nos três maiores bancos credores americanos — o Morgan Guaranty Trust, Bank of America e Citibank. Severo acha que o País fica sujeito a retaliações desses grandes bancos — como já vêm sofrendo os bancos comerciais — se endurecer sua posição na mesa de negociações.

O sensato, para o senador paulista, seria que o governo brasileiro redistribuisse os volumosos recursos naqueles três grandes bancos entre pequenos bancos, que não têm poder de barganha e que seriam valorizados com os depósitos.

— Diante de um endurecimento, precisamos de reservas, não na boca do lobo, mas à nossa mão — afirma Severo Gomes.

Segundo rumores entre parlamentares que têm maior soma de informações sobre os problemas econômicos, os grandes Bancos credores do Brasil, suspeitando de que o nosso governo prepare-se para endurecer sua posição, começam a pressionar bancos comerciais brasileiros inadimplentes, como o Comind.